

04
ABR
18:00



V Jornadas Pedagógicas

Escola de Ciências Sociais e Humanas



Conferência

Os Movimentos Empáticos Dialógicos como Resposta Fundamental ao Apelo Vocativo Humano: uma leitura a partir de Martin Buber

O núcleo afetivo mais profundo da consciência humana visa sempre estabelecer um diálogo, não só consigo mesmo, mas também com os outros. Esta palavra, «diálogo», comporta em si a profunda intuição de que existir é verdadeiramente dizer de si e dos outros, através de uma comunicação autêntica que situa a relação dialógica à luz da reciprocidade. De facto, a consciência humana é lugar de tensão afetiva, positiva ou negativa, abertura ou encerramento, e nela se inscrevem atitudes distintas aquando do momento humano do face-a-face. Porém, há que ter em consideração a existência de diferentes graus de reciprocidade, que tanto podem desenvolver constrangimento, por via de uma negação concreta da autonomia do outro ou mediante certos atos ou predisposições contínuas que podem ser entendidas como formas de mal; como podem promover o reconhecimento do valor intrínseco do outro, concebo-o como alter-ego, ou seja, digno de respeito na sua semelhança e na sua diferença.

Ao longo da exibição do nosso itinerário, procuraremos mostrar porque consideramos que uma relação, entre consciências humanas, estabelecida por movimentos dialógicos empáticos afirma uma tensão positiva e que esta é fundamental para o travejamento ontológico do sujeito, uma vez que corresponde a uma necessidade afetiva, não só no sentido prático e existencial, mas também pedagógico. É no diálogo essencial com as outras consciências, no qual se pode encontrar o sentido comum em que todos somos “um”, que a pessoa cresce de um ponto de vista ontológico, enriquece-se, constitui-se e constitui a realidade, ganha e atribui sentido, elevando assim a condição humana, uma vez que de si emanam atitudes e atos de reconhecimento que acolhem o “Outro” em tudo aquilo que ele é. Na reciprocidade o “Eu” não perceciona o “Outro” como um limite para si mesmo, não o concebe como o “seu inferno”, mas, inversamente, o “Outro” apresenta-se como um topo ativo e como um núcleo essencial e afetivo de promoção e crescimento integral da humanidade de que todos somos parte integrante... e da vida que lhe subjaz.



Orador

Joaquim António Pinto

UCP-CEFI



LOCAL

ISCTE-IUL • Auditório J.J.Laginha, Edifício Sedas Nunes